

A dor da solidão: erotização do olhar em *A cidade sitiada*

Vanalucia Soares da Silveiraⁱ
Hermano de França Rodriguesⁱⁱ

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar a dor da solidão, vivenciada pela personagem Lucrecia Neves, da obra *A cidade sitiada*, de Clarice Lispector (1998a), cuja manifestação máxima é a erotização do olhar. Nossa tese é a de que os investimentos libidinais, nas zonas oculares, estão associados à inveja excessiva, à ansiedade paranoide, a um Supereu arcaico avassalador, e, por conseguinte, a um Édipo mal-sucedido, já estruturado no estágio oral da fase pré-genital, quando o Eu ainda é muito imaturo para defender-se do poder tirânico dos instintos de agressividade, inveja e ódio, fatores preponderantes nos processos de introjeção dos objetos primordiais, sobretudo, a mãe. Desse modo, esta análise fundamenta-se, essencialmente, no pensamento de Klein (1996; 1981; 1975; 1974; 1964), no que tange aos seus conceitos de inveja, ansiedade paranoide e Supereu arcaico. A nosso ver, a solidão de Lucrecia Neves remonta à cena primordial, aos anseios persecutórios, expressões de seu recalque edipiano.

Palavras-chave: Solidão. Inveja. Ansiedade Paranoide. Supereu Arcaico. Erotização do Olhar.

The pain of loneliness: erotization of the look in A cidade sitiada

Abstract: The objective of this work is to analyze the pain of loneliness, experienced by the character Lucrecia Neves, from the work *A cidade sitiada*, by Clarice Lispector (1998a), whose maximum manifestation is the eroticization of the eyes. Our thesis is that libidinal investments in the eye areas are associated with excessive envy, paranoid anxiety, an overwhelming archaic superego, and, therefore, with an unsuccessful Oedipus, already structured in the oral stage of the pre-genital, when the ego is still too immature to defend itself against the tyrannical power of the instincts of aggression, envy and hatred, preponderant factors in the introjection processes of the primordial objects, especially the mother. Thus, this analysis is essentially based on thinking of Klein (1996; 1981; 1975; 1974; 1964), regarding his concepts of envy, paranoid anxiety and archaic superego. In our view, Lucrecia Neves' loneliness goes back to the primordial scene, to the persecutory yearnings, expressions of her Oedipal repression.

Keywords: Loneliness. Envy. Paranoid Anxiety. Archaic Superego. Eyes Eroticization.

Submetido em: 17 ago. 2020

Aprovado em: 03 nov. 2020



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Compartilha Igual 4.0 Internacional

DLCV – Língua, Linguística & Literatura

ISSN 1679-6101
EISSN 2237-0900

ⁱ Docente de Língua Portuguesa do Instituto Federal da Paraíba (IFPB, Sousa). Doutoranda em Letras na Universidade Federal da Paraíba (PPGL, UFPB). E-mail: vanalucia.ifpb@gmail.com.

ⁱⁱ Docente da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL, UFPB). E-mail: hermanorgs@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Estado de sítio seria a circunstância modal para descrever a dita estátua do Morro do Pasto, ou melhor, de São Geraldo, que se chamava Lucrécia Neves, protagonista do romance *A cidade sitiada*, da autora brasileira Clarice Lispector (1998a). Ela que se ocupava dia a dia em espiar os bibelôs de “sua” sala de visitas e os cavalos do subúrbio em progresso onde morava. Lucrécia, a fotografia de Ana Rocha Neves, a filha ideal em cujo corpo a mãe viúva reverberava: o encontro com o seu eterno compromisso. É que Lucrécia Neves procurava achar-se, perdendo-se toda ao que sequer sabia e porque “perder-se também é caminho” (LISPECTOR, 1998a, p. 182). Seu caminho era a solidão, a direção de si mesma para um lugar onde o real era o olhar, o olhar insistente, o olhar carregado de esperança, aquele olhar desconfiado, triste, reclamante, perdido, mas ao mesmo tempo cruel, sádico, incandescente. Lucrécia sempre estivera no mesmo lugar, onde não se alcança, onde se desvanecera com o medo de perder-se e de perder. Por resistir, dera pouco de si, aliás, dera o máximo de si, já que “[...] cada pessoa era o máximo e que não seria necessário procurar outra” (LISPECTOR, 1998a, p. 184). Mas ela, ainda assim, não soubera se devia ter se dado mais ou se teria sequer tido o que dar, porque só depois que seu esposo Mateus falecera compreendera os “se” e os “mas” da vida. Por outro lado, talvez não, uma vez que nunca soubera de fato compreender o amor, porque jamais compreendera não ter sido amada por Lucas. Não obstante, se aprendera a construir um mundo de bibelôs para assegurar a concretude de sua existência, de que ela mesma teria sempre como companhia as suas multifacetadas interiores, decerto estaria preparada para ser cruel e indiferente àquela companhia faltosa de si mesma, que seria o objeto amado. É que por ter ficado órfã de pai, desde cedo projetou um mundo de cavalos em sua sala de visitas e, assim, o que sua vista alcançava junto com seus pensamentos era essa equidade semântica: tanto os cavalos da sala quanto os de São Geraldo povoavam o seu vazio interior, a sua solidão, o seu desamparo para substituir a falta paterna.

A fixação no olhar, a procura sorrateira, a espionagem ao invisível direcionada aos objetos da realidade era a sua forma de dizer o não dito, o que não se sabia, o que deixara escapar de si: a coisa¹, e que, por isso mesmo, tudo a seu ver, não passava de coisa em sua natureza substantiva: “Estava na sua natureza poder possuir uma ideia e não saber pensá-la

¹ A coisa fora o nome escolhido por Freud (2010a), em seu texto *Luto e melancolia*, para designar justamente o que não se pode nomear. Não se trata de um significante, porque um significante é uma presença que remete a uma ausência, a uma falta, e a coisa só é uma remissão a algo ausente, aquilo que se perdera com a castração umbilical, com a primeira separação entre a mãe e o filho. A coisa é o nome para o inominável, para o que não se pode definir.

[...]” (LISPECTOR, 1998a, p. 32). Lucrécia Neves erotiza a visão ao investir intensamente a sua libido narcísica nas zonas oculares. Essa erotização escópica é uma defesa do Eu que revela o seu sentimento de desconfiança em relação ao outro, o que nos faz reconhecê-la como um sujeito com tendências de ansiedade paranoide muito fortes, relacionadas à interiorização de um Supereu materno extremamente castrador, responsável por inibir o desenvolvimento sexual e, por conseguinte, favorecer a dor de solidão. Para desenvolver a nossa tese de que a solidão, manifestada pela erotização da pulsão de olhar, traduz a resistência de Lucrécia Neves à posição paranoide, nossa argumentação construir-se-á com base nos conceitos de solidão, ansiedade paranoide e Supereu arcaico, defendidos pela psicanalista Melaine Klein (1996; 1981; 1975; 1974; 1964).

ANSIEDADE PARANOIDE E SUPEREU MATERNO: O SENTIMENTO DE SOLIDÃO DE LUCRÉCIA NEVES

Personagens femininas em profundo sentimento de solidão permeiam a obra clariceana, das quais podemos destacar, além de Lucrécia Neves, Macabéa, protagonista de *A hora da estrela* (1998b), e G.H, personagem principal de *A paixão segundo G.H.* (2009), e Loreley (Lóri), personagem de *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1998c), sendo as duas primeiras mais parecidas, devido a histórias de vida muito semelhantes, por focalizarem a relação mãe e filha e as consequências de um Supereu materno avassalador e causador de forte ansiedade paranoide nas infantes. Não obstante, ambas se distanciam, de certo modo, pela capacidade perceptiva: enquanto Macabéa sequer tem a capacidade de observar as coisas ao seu redor, por seu olhar ser tão evasivo e sua capacidade cognitiva tão inibida, exatamente em virtude desse entrave escopofílico, Lucrécia Neves pelo menos consegue ver o que se situa à sua volta, aliás, é no que ela mais se empenha, embora só consiga enxergar a materialidade das coisas, só apalpar a realidade física pela visão. Seu enorme prazer era espiar “[...] a cidade que dentro era invisível e que a distância tornava de novo um sonho: ela debruçava-se sem nenhuma individualidade, procurando apenas olhar diretamente” (LISPECTOR, 1998a, p. 23). Olhar, só olhar, não era preciso tocar para sentir a realidade, apenas constatando a existência das coisas, essas coisas existiam, sem qualquer esforço de pensamento, “[...] o vasto pensamento era o corpo existindo” (LISPECTOR, 1998a, p. 31). Compreender seria mudar a natureza do ser, apenas olhando, as coisas continuariam sendo, sua essência não seria atingida: “As coisas eram difíceis porque, se se explicassem, não teriam passado de incompreensíveis a compreensíveis, mas de uma natureza a outra. Somente o olhar não as

alterava” (LISPECTOR, 1998a, p. 101). Para Lucrecia Neves, os seres existiam sem necessidade de nomeação, por isso, tudo o que ela via correspondia à sua aparência: “Gostava de ficar na própria coisa: é alegre o sorriso alegre, é grande a cidade grande, é bonita a cara bonita” (LISPECTOR, 1998a, p. 96). Os sentidos das coisas coincidiam com as coisas em si. “Quando uma coisa não pensava, a forma que possuía era o seu pensamento. O peixe era o único pensamento do peixe” (LISPECTOR, 1998a, p. 69). Nomear seria transgredir a natureza da coisa, deformá-la. Assim, “[...] a aparência era a realidade” (LISPECTOR, 1998a, p. 70). A existência da coisa dependia da intensa atenção sobre a coisa. Somente com um olhar severo seria possível atingi-la, sem debruçar-se na sua origem (LISPECTOR, 1998a, p. 99). O pensamento seria a percepção da coisa sem atravessamento da linguagem verbal.

Sim, conforme Klein (1975, 25-30), a coisa é anterior à palavra, está ligada à castração do nascimento e à percepção inconsciente inata da mãe. Por isso, nem tudo se explica pela mesma. A coisa está ligada à introjeção do objeto primordial, à imagem inconsciente formada através do olhar; portanto, depende de como a criança, já de tenra idade, enxerga a mãe, de como essa mãe passa pelas retinas infantis, a saber, a coisa resulta da internalização do seio materno: se esse seio é visto como fonte inexaurível de amor, capaz de satisfazer os impulsos vorazes de destruição do bebê, isto é, se o leite é alimento para o infante, então a mãe será concebida positivamente, como mãe boa. Por outro lado, se esse seio lhe é faltoso, se não é capaz de satisfazer os impulsos de saciedade da criança, essa mãe será internalizada negativamente, como mãe má. A coisa pode ser boa ou má. Mas isso depende da intensidade do sentimento de inveja da criança. Se ela é excessiva, provavelmente, a mãe será concebida negativamente. Todo ser humano experimenta esse sentimento, mas apenas aqueles que não sabem dominá-lo, que não conseguem controlar seus impulsos vorazes de destruição completa do objeto amado, estão destinados a um futuro governado pelo sadismo, haja vista a inveja está relacionada ao intenso ódio ao seio materno, aos fortes impulsos de agressividade e destruição dirigidos ao objeto primordial. A inveja é a expressão da dor de ter sido abandonado pelo objeto de amor, de ter sido privado da gratificação alimentar, do leite materno, o qual, na mente do infante, teria sido reservado tão somente para a própria mãe. O seio é o objeto de inveja por excelência, a fonte que o bebê anela apropriar-se, explorar completamente. Desse modo,

A inveja é o sentimento irado de que outra pessoa possui e desfruta de algo desejável – sendo o impulso invejoso tirá-lo dela ou espoliá-la. Além disso, a inveja implica uma só pessoa e remonta à mais primitiva relação exclusiva com a mãe. (KLEIN, 1974, p. 33).

A inveja em demasia prejudica o desenvolvimento normal da criança e “[...] indica serem anormalmente vigorosos os aspectos paranoicos e esquizoides, e, portanto, a criança pode ser considerada enferma.” (KLEIN, 1964, p. 21).

Lucrécia Neves seria um sujeito enfermo, por sofrer de solidão, decorrente da internalização negativa da mãe. Nela habita um ódio interior intenso, acompanhado de temor, conforme evidenciam as conversas entrecortadas entre as duas, a acentuarem seu sentimento de angústia diante da vida que tem, incapaz de nomear o que sente, de dizer para a mãe o não dito, o inexplicável, o que contorce o seu ser de forma clara, profunda. O máximo que consegue fazer é esbravejar a sua dor:

[...] mamãe como a nossa vida é triste! Gritou abafada pelas pernas da mulher. (E os bailes, e os bailes? Dizia-lhe o demônio.) Ana balbuciou qualquer coisa, cheia de pudor, ofendida: não acho! Murmurava quase alta. Mas enquanto mantinha o rosto sufocado, e toda a sala que ela não via girava tonta, a moça parecia descobrir que não era de tristeza que gritara. É que não podia suportar aquela muda existência que estava sempre acima dela, a sala, a cidade, o alto grau a que chegavam as coisas sobre a prateleira, o passarinho seco prestes a voar emalhado pela casa, a altura da torre da usina, tanto intolerável equilíbrio – que só um cavalo sabia exprimir em cólera sobre as patas. (LISPECTOR, 1998a, p. 66).

A dor de Lucrécia era mais que tristeza, era um luto infindável, um sentimento de melancolia profundo, o não saber o que a deixava tonta, mórbida, presa, desequilibrada perante a força do passarinho livre, da torre alta esnobando liberdade, a angústia pelo sentimento de fraqueza, de um narcisismo ferido no âmago de sua raiz. Um sentimento de perder-se sobre os objetos mais simples e identificar-se tão somente com eles, com sua natureza crua, vista, mas ao mesmo tempo indiferente, irreconhecível, forasteira tal quais os inúmeros soldados e cavalos por quem suas retinas perdiam de vista sobre o Morro do Pasto. Um sentimento de não caber dentro de sua pele, de rasgar-se por inteira e desabar como um bebê indefeso no colo da mãe, à procura do abrigo perfeito, do amparo bondoso, onde a dor de ser abandonada e perseguida ainda não teria existido. Lucrécia Neves lamenta a sua infelicidade, a sua dor de não pertencer mais a (a que ou a quem?). Talvez aos desertos, aos esgotos, às ruas de seus subúrbios, como um cachorro que late pela madrugada para a escuridão infinita ou como um rato a roer os detritos dos humanos, a fabricação pueril da bestialidade antropomórfica. Sua dor é a de só poder nomear a fotografia de si mesma, que é a sua mãe, o que implica jamais se dizer, porque dizer é do poder da linguagem, do Pai, do outro, e enquanto a sua mãe reinava sobre si jamais poderia falar uma para a outra, senão reconhecer uma a outra só pelo olhar. E nisso consistia sua maior dor: não falar para a mãe

sobre essa mãe, não conseguir olhar para além dela senão se autorizando numa brincadeira de bibelôs. Mais que isso: sua dor era a de enxergar mais uma mãe cruel, déspota, má, uma mãe perigosa, destruidora, detentora do pênis só para si; a mãe que privara a filha de desejar e se realizar, que provocara sua queda existencial. A dor de Lucrecia Neves é a de se afundar no abismo da dor da castração, de reter-se no mundo de sujeitos perigosos, vingadores, malvados. A sua dor é a de olhar para si mesma e enxergar em si o seu lado devorador, déspota, uma teia agressiva que se arma contra a integração de suas partes más, que resiste à reparação dos impulsos destruidores lançados contra o seio bom. Uma teia que se fortalece pelo demônio do Supereu materno, instituído pela internalização da imagem cruel da mãe, que se apoderou completamente do Eu arcaico e, desse modo, impediu o sujeito de internalizar a imagem do pai positivamente.

Em seu texto *Tendências criminais em crianças normais* (1927), Klein (1981) associa a formação do Supereu materno severo às castrações mal sucedidas, pelo fato de a criança não tolerar a separação da mãe, de não elaborar a situação edipiana, a intromissão da figura paterna e de irmãos na sua vida. As castrações tornam-se um grande temor, porque, para defender-se dessas ameaças externas, a criança projeta seus impulsos destrutivos sádico-orais e sádico-anais, sob a forma de mordidas, chutes na zona do útero, urina e fezes, no corpo da mãe, os quais se convertem, posteriormente, em fantasias de perseguição: o bebê teme a retaliação por parte da mãe pelo mal que lhe concedera. À imagem de uma mãe perseguidora, destrutiva, terrorífica corresponde um Supereu déspota. Em seu artigo *Situações de ansiedade infantil refletida numa obra de arte* (1929), Klein (1981, p. 291) assevera que esse medo de ser destruído pela mãe terrorista, de ser abandonado e perseguido por ela, de perder, por outro lado, seu objeto de amor, em decorrência de seu desejo de roubar (no caso da menina) ou de destruir (no caso do menino) o pênis dentro da mãe, fantasia formada com o desmame, configura-se em sua primeira grande situação de perigo.

Também em seu texto *Princípios psicológicos da análise infantil* (1929), Klein (1981) associa a ansiedade de castração ao desmame e a pontua como sendo o cerne da formação do Supereu, ou seja, este se formaria em tenra idade, ainda na fase pré-genital, por volta do fim do primeiro ano de idade e início do segundo e terminaria com o complexo de Édipo, com o começo do período de latência, sendo que esse desenvolvimento passaria por vários estágios e seria bastante influenciado pela base constitucional ocorrida nos primeiros tempos, tendo em vista que o Eu, nesse período, ainda seria imaturo, estaria mais à mercê dos instintos sádico-orais, ligados ao anseio de morder, ideia aprofundada no artigo *Primeiras fases do complexo de Édipo* (1928). Desse modo, se as identificações nos primeiros tempos, sobretudo com a

mãe, tendessem a ser dominadas pelos anseios de destruição, isto é, se fossem introjetadas negativamente, provavelmente o curso do desenvolvimento do Eu seria prejudicado, o senso de realidade seria concebido de forma desprazerosa, e, desse modo, a criança evitaria o contato com o mundo externo, porque o mesmo seria a personificação de todo o mal causado pela mãe, que, na verdade, seria mais a projeção dos próprios instintos de agressividade do sujeito, a saber, o Supereu arcaico seria a expressão misturada dos processos de introjeção e projeção efetuados pelo bebê; corresponderia aos extratos tanto da imagem real da mãe pela percepção particular do sujeito quanto dos instintos agressivos do próprio indivíduo dirigidos à mãe, sendo estes em maior intensidade. Quando as identificações com a mãe não fossem bem sucedidas, por conseguinte, o Édipo seria prejudicado, ou seja, as relações com o pai também não seriam satisfatórias. E o resultado seria a mobilização da ansiedade paranoide:

Se a identificação com a mãe tem lugar predominantemente num estágio em que as tendências sádico-orais e sádico-anais são muito fortes, o medo a um Supereu materno primitivo conduziria a um recalque e à fixação a esta fase e interferiria no desenvolvimento genital. O medo à mãe também impele a menininha a renunciar à identificação com ela, começando então a identificação com o pai. (KLEIN, 1981, p. 261).

Lucrécia Neves pode ser uma ilustração desse pensamento. Seu sentimento de solidão parece ligar-se ao temor a um Supereu materno extremamente avassalador, perseguidor, pois a jovem parece buscar uma identificação com o pai, ao criar um mundo de cavalos fictícios, bibelôs que enfeitam a sua sala de visitas, simbolicamente, o seu mundo interno. Além disso, o seu Eu está fixado em observar os cavalos que povoam o subúrbio de São Geraldo. Ora, toda essa fixação revela uma identificação inconsciente² com a figura paterna, posto que o cavalo representa uma potência fálica, e, ao mesmo tempo, um medo da mãe. O fato de se comprazer só olhando pode se remeter ao temor da castração, ao recalque da cena primária. A fixação escópica equivaleria a um tique, a uma luta intensa contra a masturbação, isto é, representaria o desejo edípico recalcado, seguido de um sentimento de culpa, que pode ser evidenciado pelo prazer em colecionar cavalos, simbolicamente, os pênis roubados da mãe. Isso porque, na mente da criança, o corpo da mãe está cheio de pênis e crianças, razão que a leva a pensar que o pai e os irmãos (caso existam) juntam-se à mãe para destruí-la. Seguindo essa lógica, podemos interpretar esse comportamento de Lucrécia Neves como o seu ímpeto voraz de inveja. Explorar a sala de visitas corresponderia à exploração do corpo materno, à

² As identificações inconscientes associam-se a relações de familiaridade castradas, ou seja, o reconhecimento do estranho implica em um laço familiar inibido (FREUD, 2010b).

apropriação de tudo – os pênis - o que ela teria lhe negado quando bebê e guardado só para si. Por outro lado, esse novo mundo pode ser interpretado como um desejo de reparação.

Em seu artigo *Amor, culpa e reparação* (1937), Klein (1996, p. 374) assevera que a fantasia de esfoliar todo o conteúdo do corpo da mãe, impulsionado pelos ímpetos de voracidade, curiosidade, amor e desejos sexuais pela mãe contribuiria para o desejo do homem de explorar novos territórios: “Na mente inconsciente do explorador, um novo território representa uma nova mãe, aquela que substituiria a perda da mãe real. Ele busca a ‘terra prometida’ – a ‘terra onde corre o leite e o mel’” (KLEIN, 1996, p. 375). Ao construir um novo território, habitado por cavalos, também podemos identificar o desejo de Lucrécia Neves de reconciliar-se com sua mãe, uma forma de devolver-lhe os seus conteúdos outrora roubados. Portanto, seria uma defesa contra os perseguidores internos, contra os objetos maus internalizados, a própria face negativa do Eu, seus instintos de agressividade.

Nesse sentido, relacionamos a dor da solidão de Lucrécia Neves à sua ansiedade paranoide, ao medo de ser perseguida pela mãe “morta” e destruída pelos mesmos impulsos sádico-orais empregados para danificá-la. Em seu texto *Sobre a identificação* (1975), Klein (1981) caracteriza a ansiedade persecutória como a primeira forma de introjeção dos objetos externos. Nesse sentido, a estruturação do mundo interior seria povoada de elementos perseguidores, causadores de frustrações e inibições, de sorte que o Eu, sobretudo, nos seis primeiros de vida, vivenciaria um caos imaginário. O Eu encontrar-se-ia na posição esquizo-paranoide, por estar completamente cindido, dividido rigorosamente em partes boas e partes más, em uma ambivalência tão intensa que ainda não teria condições de elaborar o Complexo de Édipo, já iniciado na fase pré-genital mais remota, a fase oral, e, por conseguinte, não teria condições de concordar com o Supereu arcaico. A capacidade de diálogo com esse Supereu severo só seria possível mais tarde, quando o Eu já estivesse desenvolvido, maduro, capaz de elaborar a ansiedade depressiva, que se segue à paranoide, caracterizada pelo sentimento de culpa inconsciente, derivado da angústia de ter agredido o seio bom, processo que acontece normalmente por volta do primeiro ano de idade. A ansiedade depressiva seria estimulada pelo receio de perder o objeto amado, o que levaria o Eu a desejar a reparação, a saber, o conserto interior, a integração dos objetos internos maus e bons, o reconhecimento das partes negativas do Eu e o interesse por administrá-las, por projetá-las no mundo externo e por proteger as partes boas introjetadas. Em seu artigo, *Amor, culpa e reparação* (1937), Klein (1996), salienta a importância da reparação para o alívio interior, para a mitigação do ódio e da amargura, que só se efetua pela dominância dos objetos internos bons, instalados sob a base do amor, condição essencial para a esperança, a fé e a sabedoria nas relações conosco e

com os outros. A reparação estaria vinculada à gratificação do Eu, ao controle dos impulsos vorazes de inveja e destruição, que só seria possível com as experiências bem sucedidas do complexo de Édipo, quando o bebê fosse capaz de simbolizar a mãe real, de compreendê-la como objeto separado de si e imperfeita, ou seja, tanto boa quanto má, assim como qualquer ser humano.

No caso de Lucrécia Neves, notamos a preponderância da ansiedade paranoide, o temor ao Supereu materno, manifestado especialmente pela erotização do olhar, que traduz a sua eterna vigília, a sua desconfiança e a crença de estar sendo perseguida. Ademais, verificamos a intensidade dos seus anseios persecutórios em sua compulsão por comida. Comer é uma manifestação sádico-oral primitiva empreendida de inveja, de desejo de destruir o outro perseguidor. Mas ela comia também com os olhos, porque era capaz de devorar os cavalos reais e imaginários de São Geraldo. E, ao casar-se com Mateus, esposo escolhido pela mãe, Lucrécia Neves passa a frequentar muitos restaurantes, comportamento que pode ser interpretado como o desejo inconsciente de matar aquela mãe má, destruidora de seus desejos, possuidora de seus pênis. Comendo, Lucrécia Neves ia liberando a sua ansiedade paranoide, os seus impulsos vorazes de inveja e destruição. Concomitantemente, ia intensificando o caos interior, o vazio existencial, a sua dor de solidão. Com o passar do tempo, tal rotina ativa o ressentimento e a ingratidão com relação à mãe, sintomas que reverberam no seu casamento. A sua relação conjugal é tomada pelo tédio e o seu Eu se abandona à desintegração.

Não obstante, na entrega ao caos interior, quando é levada à ilha para ser atendida pelo psiquiatra Lucas, é surpreendida pelo amor ao médico, sujeito que também se encontra dominado pelo sentimento de solidão, pela dor de não ter companhia para si, haja vista sua esposa viver internada em um hospício. Eis um encontro do nada com o nada, da morte com a morte, um encontro melancólico, como diria Kristeva (1989), em seu livro *Sol Negro: depressão e melancolia*. Entre os dois, contudo, o Nada é o Tudo de cada um, mas eis que entre ambos o Tudo estava fora deles:

[...] tudo o que Lucrécia Neves podia conhecer de si mesma estava fora dela: ela via. A coragem, porém, era decidir-se a começar. Enquanto não iniciava, a cidade estava intacta. E bastaria começar para parti-la em mil pedaços que não saberia juntar depois [...] No meio de sua ignorância sentia apenas que precisava começar pelas primeiras coisas de São Geraldo – pela sala de visitas – refazendo assim toda a cidade. (LISPECTOR, 1998, p. 68).

É que Lucrécia Neves não estava preparada para o progresso interior, ela caminhava devagar assim como São Geraldo. Ela ainda era subúrbio, suas identificações ainda eram com

criaturas “nojentas”, como ratos, sapos, morcegos... Seu mundo era um horror e ela sentia prazer com ele, porque assim sentia alcançar a liberdade e o poder, a mesma liberdade dos cães vira-latas nas madrugadas do subúrbio de São Geraldo. Não obstante, as madrugadas logo eram seguidas de auroras, o dia estava cercado do escuro, assim como ela estava cercada por suas próprias paredes:

Se ao menos a moça estivesse fora de seus muros. Que minucioso trabalho de paciência o de cercá-la. De gastar a vida tentando geometricamente assediá-la com cálculos e engenho para um dia, mesmo decrépita, encontrar a brecha. Se ao menos estivesse fora de seus muros. Mas não havia como sitiá-la. Lucrecia Neves estava dentro da cidade. (LISPECTOR, 1998a, p. 71).

A jovem estava sitiada dentro de si mesma, suas grades eram a sua própria pele e eis que o difícil era rasgar-se, liberar-se de si, sair de sua cidade, de seu mundo caótico, construído sobre pedras, longe do fogo, do ardor sexual, do fôlego indomável. É que ela ainda estava presa demais às primeiras imagens, àquela mãe hostil, cruel, “dona” de seu destino, àquele Supereu tenebroso, terrificante, pavoroso. Mas até que ela tivera coragem de riscar fósforos, embora a chama tivesse sido apagada pelo pênis desejado, episódio que pode ter contribuído para a regressão da jovem à analidade, ao apego ao objeto primordial odiado. Sim, ela odiava a sua mãe, as raízes de sua infelicidade era essa mãe, mãe cruel! Sim, ela era responsável pelo destino infeliz, por seu “azar” no amor, porque fora ela invejosa demais, egoísta, guardara só para si o leite que tanto desejara. Terra estéril! E era difícil aceitar isso. E a mãe, estupefata, não compreendia:

A certeza de uma grande experiência, apesar de sua vida reclusa, tornou essa mulher mais do que madura. Olhou com alguma piedade aquela moça à sua frente, cheia de estúpida juventude, a quem jamais se poderia ensinar a... a ... bondade? Que bondade? Ela teria que aprender sozinha. Que coisa! disse Ana Rocha Neves decepcionada. A moça então respondeu que se morresse – “afinal que importava? A mãe não choraria sequer” [...] Porque a senhora ficaria só, nem precisaria pagar minhas roupas, mamãe, e se sentisse falta de companhia podia até arranjar amigas... (LISPECTOR, 1998, p. 65).

Não havia espaço para a compreensão. Entre mãe e filha havia um pênis, muitos pênis, e era difícil perdê-los, aceitar o prazer sádico e invejoso de uma mãe. Embora observemos um grande nó entre mãe e filha, percebemos uma enorme distância entre ambas, uma dificuldade de se unirem, de fato, de falarem uma para outra, de se olharem realmente. Parece que as duas estão entrelaçadas pela força mais do ódio do que do amor e que toda essa barreira implantada entre os dois seres deriva de uma grande inveja e voracidade da filha, o que a impedia de

internalizar um seio e uma mãe boa, já que aprender a bondade pela educação materna não seria possível. Por outro lado, pode derivar da ausência materna, que parece ser compensada por bens materiais, como se observa no discurso da filha quando ela enfatiza o possível alívio da mãe perante sua possível morte. Nesse impasse, jaz a grande dor da solidão de Lucrecia Neves, o sentimento de estar sozinha, desamparada, abandonada e perseguida por uma mãe má.

Em seu livro *Solidão*, Dolto (2001, p. 468), ao ser questionada acerca desse tema no tocante às mulheres, responde, em concordância com o pensamento kleiniano, que “A solidão está mais no desamparo de não ter a linguagem, muito mais do que no fato de não ter um complemento físico para produzir frutos”. A solidão estaria relacionada ao “[...] esquecimento da situação triangular” (DOLTO, 2001, p. 459). Isso implica dizer, na letra de Klein (1975), que a solidão está diretamente ligada ao complexo edipiano mal sucedido, à não superação da posição depressiva, a saber, à permanência do Eu à posição esquizo-paranoide. A dificuldade de sair da solidão remeteria à dificuldade de autoafirmação do bebê, de seguir o curso normal do desenvolvimento, de atravessar as fases pré-genitais, ou seja, as primeiras relações objetais, de forma satisfatória, dominando a ambivalência de seus sentimentos, de modo a instalar de forma equilibrada o seu mundo interior, as suas partes boas e más. Os sinais de tristeza, sentimentos de solidão, frustrações e falta de interesse estariam vinculados à infância, às primeiras castrações, aquelas castrações mal feitas, que não representaram experiências positivas para o Eu, uma internalização satisfatória dos primeiros objetos, como Klein (1975, p. 23-38) salienta em seu artigo *Nosso mundo adulto e suas raízes na infância*. Para Dolto (2011, p. 441), essas castrações levariam o sujeito a uma morte psíquica, porque o impediria “[...] de encetar uma relação com outrem, com alguém dinâmico, por estar deprimido demais”. O Eu, na idade tenra, estaria tão colado ao objeto primordial, à imagem inconsciente da mãe, que resistiria a outras relações, de modo, que, na fase adulta, teria dificuldades para as relações sociais.

Em seu texto *O sentimento de solidão*, Klein (1975, p. 140) postula que esse sentimento está associado ao medo da retaliação do objeto primordial. Sua origem, portanto, remonta às ansiedades paranoide e depressiva infantis. A solidão caracteriza-se como um estado de onipotência do Eu, por traduzir o desejo de separação e independência do outro. A insatisfação do seio materno pode aumentar os anseios persecutórios e, desse modo, a solidão, pois o bebê não aceita a perda irreparável do objeto primário, o que o leva a não elaborar bem a posição depressiva. A sensação de não saciedade sempre existirá em todo indivíduo, porque mesmo o bebê bem alimentado ainda assim não exauriria o seio completamente. Não

obstante, se a inveja for demasiado excessiva, o Eu terá dificuldades para *ser*. Desse modo, para defender-se de seus anseios de destruição, o bebê opta pelo isolamento. Estar só é uma fuga para a insegurança paranoide, um meio de proteger o Eu dos ataques destrutivos provindos do outro. A ansiedade paranoide, como elemento da solidão, cede lugar à ansiedade depressiva por volta dos seis meses. A criança passa a relacionar-se melhor com a mãe, porque ela já começa a compreender a ausência do seio e da mãe, já começa a integrar as partes boas e as partes más. Não obstante, a integração, derivada da necessidade de neutralizar a insegurança paranoide, de combater os impulsos destrutivos, não é fácil. O bebê não consegue a neutralização total. Assim, os anseios de perseguição e a insegurança persecutória sempre continuarão a disputar com a segurança depressiva um lugar no Eu. Eis que o sujeito teme a sobreposição da ansiedade paranoide sobre a depressiva. Por estar comprometido com a proteção dos objetos bons integrados, a possibilidade de fracasso já evidencia sinais de culpa, de angústia, por não ter sido capaz de preservar plenamente o seio bom e a mãe. Nesse sentido, solidão estaria predominantemente ligada à fragmentação do eu, à “[...] convicção de que não há pessoa ou grupo a que se pertença” (KLEIN, 1975, p. 144).

Em se tratando de Lucrécia Neves, observamos a sua luta por pertencimento em sua tarefa de erotizar o olhar, de dirigir a sua energia libidinal para as zonas oculares. Seu prazer consiste em adornar a sua sala de visitas com cavalos de brinquedo e em inspecionar os cavalos da cidade, em escutar os trotes dos cascos secos. A busca para *pertencer a* revela a dependência de Lucrécia Neves à mãe, uma relação de mutilação, e não, de pertencimento, porque pertencer seria ter suas raízes ligadas às de outra pessoa para fazê-la brotar, crescer e construir seus frutos, mas no caso dela, jamais poderia, porque seus frutos só nasceriam com o sêmeme masculino, e o seu pai estava morto, não porque, de fato morrera, mas porque o seu Supereu materno castrador a impedira de ser. Uma prova disso é que Lucrécia Neves sempre fazia o relatório de sua vida à mãe, por meio de cartas, e, ao ficar viúva, repetindo o ciclo de sua fotografia, novamente casa-se com um marido da escolha dela. Lucrécia Neves destina-se ao reencontro com o seu compromisso, na esperança de que “[...] um dia São Geraldo teria linhas de trem subterrâneas” (LISPECTOR, 1998, p. 191). Assim, “Séria, ardente, correu para a sala, agarrou o frio bibelô e encostou-o à face, de olhos cerrados. Então abandonaria tudo isso...? No grande rosto de cavalo a lágrima escorria. E o bibelô construído pelos seus olhos” (LISPECTOR, 1998, p. 191).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dor da solidão de Lucrecia Neves pode ser identificada pelo processo de erotização de seu olhar, por sua paixão escópica por cavalos, arquétipo do pênis, e sua origem estaria relacionada à sobreposição da ansiedade paranoide sobre a ansiedade depressiva. A sua insegurança quanto ao seu mundo caótico, a sua sensação de não pertencer, o seu estado de desamparo e de tristeza profunda estariam diretamente vinculados a um Supereu arcaico muito avassalador, cruel, déspota, e bastante precoce, por se estruturar ainda no estágio oral da fase pré-genital, quando o Eu ainda é muito imaturo para defender-se do poder tirânico dos instintos de agressividade, inveja e ódio, fatores preponderantes nos processos de introjeção dos objetos primordiais, sobretudo, a mãe. A sua solidão consistiria em uma defesa contra as suas partes más para a proteção de suas partes boas; revelaria o medo da castração, o recalque da cena primária, um Édipo precoce e mal-sucedido. A solidão de Lucrecia Neves seria a expressão camuflada de seu intenso ódio por sua mãe, na verdade, ódio por si mesma, devido a não conseguir controlar a sua agressividade, a não integrar as suas partes cindidas e conviver pacificamente com as suas ambivalências.

REFERÊNCIAS

- DOLTO, F. *Solidão*. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FREUD, S. Luto e melancolia. *In: FREUD, S. Obras completas*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. (vol. 12).
- FREUD, S. O inquietante (1919). *In: FREUD, S. Obras completas*. Trad. Paulo César Lima de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. (vol. 18)
- KLEIN, M. Amor, culpa e reparação. *In: KLEIN, M. Tradução: André Cardoso*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- KLEIN, M. Uma contribuição à psicogênese dos tiques. *In: KLEIN, M. Contribuições à Psicanálise*. 2. ed. Tradução: Miguel Maillet. São Paulo: Mestre Jou, 1981.
- KLEIN, M. Princípios psicológicos da análise infantil (1926). *In: KLEIN, M. Contribuições à Psicanálise*. 2. ed. Tradução: Miguel Maillet. São Paulo: Mestre Jou, 1981.
- KLEIN, M. Tendências criminais em crianças normais (1927). *In: KLEIN, M. Contribuições à Psicanálise*. 2. ed. Tradução: Miguel Maillet. São Paulo: Mestre Jou, 1981.
- KLEIN, M. Primeiras fases do complexo de Édipo (1928). *In: KLEIN, M. Contribuições à Psicanálise*. 2. ed. Tradução: Miguel Maillet. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

KLEIN, M. Situações de ansiedade infantil refletida numa obra de arte e no impulso criador (1929). In: KLEIN, M. *Contribuições à Psicanálise*. 2. ed. Tradução: Miguel Maillat. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

KLEIN, M. Nosso mundo adulto e suas raízes na infância. In: KLEIN, M. *O sentimento de solidão*. 2. ed. Tradução: Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

KLEIN, M. Sobre a identificação. In: KLEIN, M. *O sentimento de solidão*. 2. ed. Tradução: Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

KLEIN, M. O sentimento de solidão. In: KLEIN, M. *O sentimento de solidão*. 2. ed. Tradução: Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

KLEIN, M. *Inveja e gratidão: um estudo das fontes do inconsciente*. Tradução: José Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

KLEIN, M. *Fontes do inconsciente*. Tradução: Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

KRISTEVA, J. *Sol negro: depressão e melancolia*. Tradução: Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

LISPECTOR, C. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

LISPECTOR, C. *A cidade sitiada*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.

LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b.

LISPECTOR, C. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998c.